

3º ENCONTRO CONEXÃO MULHERES E ECONOMIA - CM&E

RESUMO EXPANDIDO

Área Temática: Economia do Trabalho

IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 SOBRE O SETOR DE EMPREGADOS DOMÉSTICOS BRASILEIROS

Vívian dos Santos Queiroz Orellana¹

Bruna Fonseca de Pinho²

Blanca Lila Gamarra Morel³

Audrei Fernandes Cadaval⁴

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar a duração do desemprego de empregados domésticos durante o período da pandemia da Covid-19, a fim de analisar as características que afetaram o desemprego. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) entre 2019 e 2020 para a aplicação do método não paramétrico de análise de sobrevivência.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho; Empregados Domésticos; Desemprego.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho doméstico no Brasil possui raízes na escravidão. A transição do trabalho escravo para o trabalho doméstico foi a maneira de diversas mulheres pretas sobreviverem após a abolição da escravatura. Devido à trajetória histórica do país, este tipo de trabalho não foi considerado digno de direitos por muitos anos. A remuneração consistia principalmente em alimentação, vestuário e moradia (SILVA, 2018). Com o avanço do capitalismo, mulheres brancas em situação de vulnerabilidade social, com baixo nível de escolaridade e renda também começaram a exercer a profissão. A regulamentação do trabalho doméstico no Brasil ocorreu de maneira gradual. Os servidores só foram oficialmente reconhecidos em 1972 a partir da lei nº 5.859.

¹ Vívian dos Santos Queiroz Orellana. Doutora em Economia (UFRGS). Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: viviansq13@gmail.com

² Bruna Fonseca de Pinho. Mestranda em Economia Aplicada (PPGE/FURG). Universidade Federal do Rio Grande. bfonsecapinho@gmail.com

³ Blanca Lila Gamarra Morel. Doutora em Economia (PUCRS). Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: blancagamarra@yahoo.com.br

⁴ Audrei Fernandes Cadaval. Doutora em Economia (UFRGS). Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: audreicadaval@furg.br

A pandemia da *Covid-19* provocou uma crise sanitária e socioeconômica que afetou inúmeros países. No Brasil, muitos setores da economia foram afetados, e os trabalhadores domésticos sofreram um impacto significativo devido à crise financeira e os sucessivos *lockdowns* acionados para conter o alastramento do vírus, evidenciando e intensificando a desigualdade pré-existente nesta classe de trabalho. Há quase 6 milhões de domésticos no Brasil. Em 2013, havia 1,9 milhão de empregados com carteira assinada, este nível passou para 1,5 milhão em 2023. A informalidade também cresceu de 4 milhões em 2013 para 4,3 milhões de pessoas em 2022 (IBGE, 2023). Houve queda nas oportunidades de emprego doméstico tanto para pretas como para brancas, reduzindo as contribuições previdenciárias. Sendo assim, o presente estudo objetiva analisar a duração do desemprego dos trabalhadores domésticos brasileiros sob o cenário da pandemia do *Coronavírus*, buscando entender quais são os fatores que afetaram a duração do desemprego.

2 MÉTODO

Os dados trimestrais da PNAD Contínua de 2019 a 2020 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foram utilizados para investigar os efeitos da pandemia da *Covid-19* na duração do desemprego de empregados domésticos no Brasil. Para definir os dados como tempo de sobrevivência é preciso definir a variável dependente como sendo a duração do tempo de desemprego de cada pessoa na amostra e a falha ocorre quando o indivíduo sai do estado de desemprego. Os dados foram transformados para meses e foram mantidos apenas os trabalhadores com idade entre 16 e 65 anos que estavam ocupados no trabalho doméstico.

Neste estudo foi aplicado o método de sobrevivência não paramétrico de Kaplan-Meier que auxilia na estimativa de funções de sobrevivência sem necessidade de especificar a função de risco considerando que os tempos de sobrevivência são independentes e identicamente distribuídos. Também auxilia na identificação rápida da forma da função de sobrevivência e nas comparações entre grupos. O evento de interesse desse estudo é a saída do estado de desemprego ou “falha”, que pode se conseguir um emprego, se tornar inativo, iniciar trabalho autônomo, e o tempo transcorrido para a falha ocorrer é a duração do estado de desemprego.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após os recortes na amostra e exclusão de valores *missing*, a amostra final foi de 1.244 indivíduos no serviço doméstico, como pode ser conferido na tabela 1. Observa-se que 95% dos trabalhadores domésticos são mulheres sem carteira assinada e 90% com carteira assinada. Além do mais, 87% dos trabalhadores domésticos estão ocupados sem carteira de trabalho assinada no período que engloba a pandemia de Covid-19.

Tabela 1: Distribuição dos trabalhadores domésticos por gênero (2019 – 2021)

Sexo	sem carteira		com carteira		total	
	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência
feminino	0,95	1.026	0,90	145	0,94	1.171
masculino	0,05	56	0,10	17	0,6	73
Total	100	1.082	100	162	100	1.244
%		0,87		0,13		100

Fonte: Elaborado pelos autores.

A tabela 2 mostra que a duração do desemprego foi maior no primeiro ano de pandemia tanto para as mulheres (20 meses) quanto para os homens (11,1 meses). Além do mais, vê-se que a duração do desemprego foi mais elevada em todos os trimestres de 2020, quando comparado ao ano 2021, para ambos os sexos. A redução na duração do desemprego no segundo ano de pandemia pode ser explicada pelo começo da vacinação contra *Covid-19*, o que resultou em mais flexibilização das atividades econômicas.

Tabela 2: Duração do desemprego por trimestre e gênero (2020 - 2021)

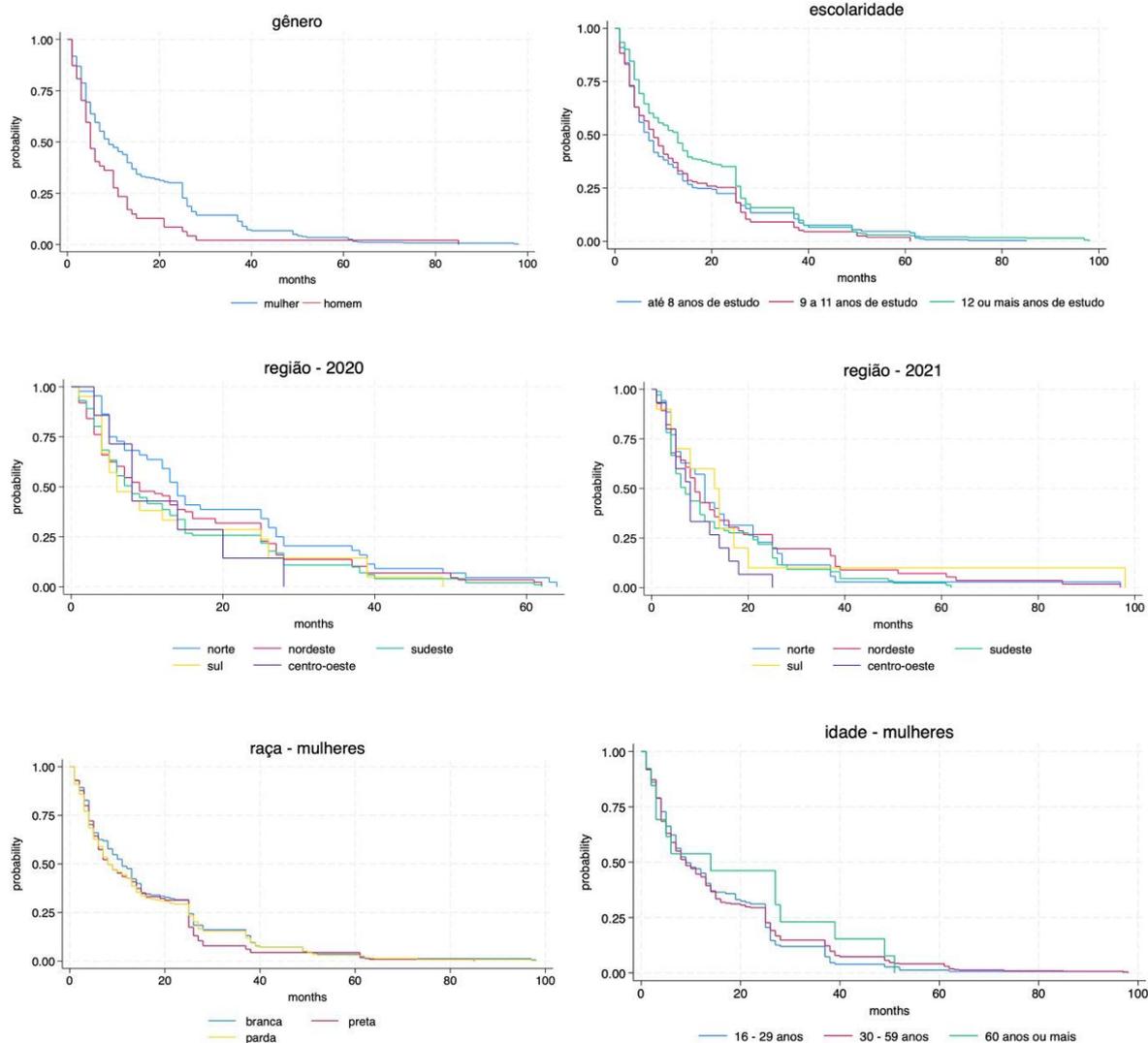
Trimestre	2020			2021		
	feminino	masculino	Total	feminino	masculino	Total
1	20.6	11.6	20.2	17.1	4.6	16.2
2	20.0	14.5	19.6	17.2	6.6	16.6
3	19.2	7.3	17.8	17.9	9.8	17.6
4	18.9	12.8	18.3	22.3	15.6	21.8
Total	20.0	11.1	19.3	18.9	10.2	18.4

Fonte: Elaborado pelos autores.

A figura 1 exibe os resultados do método de Kaplan-Meier para todos os anos e revela a duração do desemprego dos empregados domésticos na pandemia conforme as seguintes características: gênero, idade, raça, escolaridade e região. Os modelos não paramétricos permitem observar a duração de tempo em um estado (desemprego) até o momento de mudança para outro estado (emprego).

O resultado da duração do desemprego por gênero mostra que a probabilidade de permanecer no desemprego é maior para as mulheres. Contudo, ao longo dos meses analisados, a probabilidade de as mulheres permanecerem no estado de desemprego cai para aproximadamente 30% nos primeiros 20 meses, enquanto para os homens se observa uma probabilidade de apenas 15%. Segundo o Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada - IPEA (2020), muitas empregadas domésticas permaneceram trabalhando durante a pandemia, seja na casa de seus empregadores, para não perderem seus empregos em períodos de *lockdown*, ou locomovendo-se para o trabalho mesmo com risco de contrair o vírus durante o trajeto.

Figura 1: Função de Sobrevivência (Kaplan-Meier) dos trabalhadores domésticos



O resultado em relação à idade das empregadas domésticas mostra que mulheres com 60 anos ou mais apresentaram uma maior probabilidade (cerca de 50%) de permanecerem desempregadas ao longo dos meses de pandemia em comparação com as mulheres de 16-29 e 30-59 anos de idade que, após 20 meses, exibiram uma probabilidade próxima de 25%. Isto pode evidenciar uma dificuldade de inserção das empregadas idosas no mercado de trabalho doméstico, favorecendo a transição destas para o desalento ou trabalho informal, na categoria de diarista, por exemplo, reduzindo as contribuições e o acesso aos benefícios previdenciários (IPEA, 2020).

Os resultados de raça revelam que as mulheres pretas e pardas possuem menor probabilidade de permanecerem desempregadas se já estiverem nessa situação há aproximadamente 10 meses, quando comparadas com as brancas. Após quase dois anos nessa situação, a probabilidade de permanecer desempregada cai drasticamente, em especial para as domésticas de raça preta. A respeito da escolaridade, chama atenção que as mulheres

domésticas mais escolarizadas (12 anos de estudo ou mais) exibiram maior probabilidade de permanecer no desemprego até 24 meses, na comparação com as demais faixas de instrução. Como as mulheres com maior nível educacional possuem salário de reserva mais elevados, elas acabam permanecendo mais tempo no desemprego do que as menos escolarizadas, situação que se agravou na pandemia, uma vez que apenas os setores essenciais estavam funcionando e empregando geralmente trabalhadores de baixa escolaridade.

A análise regional para o ano 2020 mostra que os trabalhadores domésticos da região Norte possuíam maior probabilidade de permanecerem desempregados após os 10 meses, em comparação com outras regiões. Nesse período, a região Norte foi a que mais sofreu os impactos da pandemia de *Covid-19* no país, registrando elevado índice de mortes pela doença e dificuldade no sistema de saúde para atender os doentes e toda essa situação e o fechamento de setores não essenciais afetaram drasticamente o mercado de trabalho. Em 2021 se observa, de modo geral, um cenário diferente, com todas as regiões exibindo uma queda na probabilidade de o trabalhador doméstico permanecer no desemprego, resultado do avanço na vacinação de *Covid-19* e flexibilização do funcionamento das atividades econômicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi analisar o efeito da pandemia da *Covid-19* sobre a duração do desemprego doméstico no Brasil. A análise não paramétrica demonstrou que as mulheres e idosas domésticas demoram mais tempo para sair do desemprego na pandemia, ao passo que, as negras e pardas exibiram menor probabilidade. Na análise por região, se destacou a região Norte com maior probabilidade de desemprego dos domésticos em 2020. A vulnerabilidade social enfrentada pelos trabalhadores domésticos no período de pandemia enfatiza a necessidade de formulação de políticas públicas direcionadas a esse grupo para favorecer a inserção no mercado de trabalho e proteger os direitos trabalhistas.

REFERÊNCIAS

- Agência Brasil. **PEC das Domésticas: Informalidade e Precariedade Persistem no País**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/pec-das-domesticas-informalidade-e-precariedade-persistem-no-pais>. Acesso em: out/23.
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2020. **Vulnerabilidades das Trabalhadoras Domésticas no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. Nota Técnica. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10077>. Acesso em: out/23.
- SILVA, Marusa B. **Permanências e avanços do trabalho doméstico: um olhar sobre Campos dos Goytacazes-RJ**. Revista da ABET, v. 17, n. 1, p. 121- 133, jan./jun. 2018.